


COMENTÁRIOS AO TEXTO DE JOLY E KNUST

Commentary on Joly and Knust's Paper

Norberto Luiz Guarinello ^a

 <https://orcid.org/0000-0003-3954-5588>

E-mail: guarinel@usp.br

^a Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

DEBATE
ESCRavidÃO ANTIGA E HISTÓRIA GLOBAL
ANCIENT SLAVERY, AND GLOBAL HISTORY

RESUMO

O artigo de Fábio Duarte Joly e José Ernesto Moura Knust, *Escravidão Antiga em Perspectiva Mediterrânea: Uma Proposta de Abordagem Global*, propõe um debate que enriquece as discussões historiográficas sobre escravidão no Mediterrâneo antigo, ao oferecer uma crítica ao conceito de "sociedade escravista" de Moses Finley e ao sugerir a existência de um "sistema escravista mediterrâneo" que se desenvolveu diacronicamente. Apresenta uma leitura rica, original e valiosa das transformações ocorridas entre o tempo das cidades-estados e o Império Romano. Quero, aqui, apenas trazer à tona algumas reflexões críticas que permitam eventualmente ampliar e questionar determinados aspectos da proposta metodológica apresentada, à luz de um enfoque que explora a trajetória social dos escravos e o entrelaçamento entre as esferas pública e privada no mundo romano.

PALAVRAS-CHAVES

Escravidão romana. Público e Privado. Trajetória social.

ABSTRACT

The article by Fábio Duarte Joly and José Ernesto Moura Knust, *Ancient Slavery in Mediterranean Perspective: A Proposal for a Global Approach*, proposes a debate that enriches the historiographical discussions on slavery in the ancient Mediterranean, by offering a critique of Moses Finley's concept of "slave society" and by suggesting the existence of a "Mediterranean slave system" that developed diachronically. It presents a rich, original and valuable reading of the transformations that occurred between the time of the city-states and the Roman Empire. Here I only want to bring to light some critical reflections that may allow us to expand and question certain aspects of the methodological proposal presented, in light of an approach that explores the social trajectory of slaves and the intertwining of the public and private spheres in the Roman world.

KEYWORDS

Roman slavery. The Public and the private. Social trajectory.



O artigo de Fábio Duarte Joly e José Ernesto Moura Knust, *Escravidão Antiga em Perspectiva Mediterrânea: Uma Proposta de Abordagem Global*, propõe um debate que enriquece as discussões historiográficas sobre escravidão no Mediterrâneo antigo, ao oferecer uma crítica ao conceito de "sociedade escravista" de Moses Finley e ao sugerir a existência de um "sistema escravista mediterrânico" que se desenvolveu diacronicamente. Apresenta uma leitura rica, original e valiosa das transformações ocorridas entre o tempo das cidades-estados e o Império Romano. Quero, aqui, apenas trazer à tona algumas reflexões críticas que permitam eventualmente ampliar e questionar determinados aspectos da proposta metodológica apresentada, à luz de um enfoque que explora a trajetória social dos escravos e o entrelaçamento entre as esferas pública e privada no mundo romano.

A COMPLEXIDADE DA ESCRAVIDÃO NO MEDITERRÂNEO

Joly e Knust, ao proporem uma distinção entre uma "primeira escravidão mediterrânea", caracterizada pela escravidão nas cidades-estados, e uma "segunda escravidão mediterrânea", associada ao processo de expansão imperial romano, oferecem uma visão inovadora sobre importantes mudanças estruturais da escravidão antiga. No entanto, essa divisão temporal pode ser insuficiente para capturar as diversas formas de exploração e coação que coexistiam no Mediterrâneo ao longo do tempo.

A escravidão romana não deve ser vista como um fenômeno isolado ou uniforme. Ao contrário, ela convivia com outras formas de trabalho coercitivo e de dependência, criando um espectro social mais complexo. As distinções rígidas entre liberdade e escravidão, tal como sugeridas pelos autores, podem não ser suficientes para descrever as inúmeras relações de trabalho dependente que permeavam o mundo romano. Ao focarmos nas múltiplas trajetórias dos escravos, conforme destaquei em meu artigo *Escravos Sem Senhores*, (RBH, 26, 52, 2006) as formas de escravidão no Mediterrâneo antigo não operavam de forma estanque, mas com intensa variação e plasticidade espacial e temporal, refletindo as necessidades das elites locais bem como o jogo de dinâmicas políticas e econômicas mais amplas.

A TRAJETÓRIA ESCRAVA E A ZONA DE INDETERMINAÇÃO

Em vez de conceber a escravidão mediterrânea como estática, devemos pensar em termos de *trajetórias escravas*, um conceito que permite uma melhor compreensão das experiências vividas pelos indivíduos que foram escravizados. No mundo da Itália romana, por exemplo, entre o final da República e o início do Império, os escravos podiam transitar entre diferentes condições sociais, desde o trabalho nas minas, que representava a mais baixa forma de exploração, até o serviço nas casas senhoriais urbanas, onde havia mais possibilidades de ascensão. Essa mobilidade, embora limitada e repleta de desafios, cria o que chamo de "zona de indeterminação", na qual os limites entre a escravidão e a liberdade tornam-se fluidos. Tal dinâmica não é devidamente capturada na proposta de Joly e Knust, que, ao abordar a "segunda escravidão mediterrânea", focam em questões macroeconômicas e jurídico-institucionais, mas deixam de lado as transformações sociais e culturais mais profundas que marcaram a vida dos escravos.

A discussão sobre a ascensão dos escravos através da alforria também precisa ser colocada em perspectiva. Os libertos não apenas ocupavam um espaço ambíguo entre a escravidão e a liberdade, mas também atuavam como agentes que desestabilizavam as convenções sociais da época. A proposta de Joly e Knust, ao focar na expansão jurídica e

na unificação das práticas escravistas sob o Império Romano, poderia se beneficiar de uma análise mais atenta das tensões criadas pela crescente presença de libertos no tecido social romano, uma questão que a própria historiografia sobre escravidão atlântica explora ao abordar a ascensão dos alforriados no Novo Mundo. Não é possível dissociar a escravidão antiga da presença marcante de libertos que compunham o universo mais global das dependências pessoais naquele mundo.

ESCRavidÃO, PODER E SOCIEDADE ROMANA

Um aspecto essencial da escravidão no Mediterrâneo que merece maior destaque é o papel político e simbólico da escravidão na consolidação do poder romano. O controle sobre os escravos não era apenas uma questão de dominação econômica, mas estava intrinsecamente ligado às relações de poder mais amplas dentro da sociedade romana. O célebre episódio da execução em massa de escravos após o assassinato do prefeito de Roma Pedânio Segundo, sob o governo de Nero, ilustra como o poder público se entrelaçava com a autoridade privada dos senhores. O controle sobre os escravos, portanto, não se restringia à esfera privada, mas era também uma questão de ordem pública e política, algo que Joly e Knust poderiam explorar com maior profundidade ao analisar o impacto do aparato jurídico romano sobre a vida escrava.

A expansão do sistema escravista sob o Império Romano, como corretamente apontado pelos autores, não se deu apenas por meio da subordinação direta dos escravos ao controle econômico, mas também pela manipulação das relações de poder entre cidadãos livres. A escravidão incentivava a concentração de riquezas e reforçava a desigualdade entre as classes livres. Ao focarem na economia e nas mudanças jurídicas, Joly e Knust subestimam a complexidade política da escravidão mediterrânica e como ela moldava não apenas as dinâmicas de produção, mas também as relações sociais e culturais em Roma.

AS LIMITAÇÕES DA COMPARAÇÃO COM A ESCRavidÃO ATLÂNTICA

Embora a comparação entre a escravidão mediterrânica e a “segunda escravidão” atlântica seja provocativa e altamente enriquecedora, devemos ter cautela ao extrapolar semelhanças entre esses dois sistemas. A escravidão atlântica, marcada pela racialização e pelo desenvolvimento do capitalismo industrial, difere substancialmente das formas de coerção social presentes no Mediterrâneo antigo. No mundo romano, como explorei em minhas reflexões, os escravos não eram identificados por características raciais ou étnicas específicas. A ausência de um estigma racial no Mediterrâneo complicava a noção de identidade escrava, tornando o escravo romano potencialmente invisível na sociedade. Este aspecto torna-se crucial ao analisarmos as práticas escravistas no Mediterrâneo em comparação com a escravidão moderna, onde a racialização era um mecanismo central de controle.

Dessa forma, ao aplicarmos o conceito de “segunda escravidão” ao Mediterrâneo, corremos o risco de ignorar as especificidades locais e as diferenças fundamentais entre esses sistemas. Ao passo que Joly e Knust acertam ao traçar paralelos econômicos, é importante não perder de vista que a escravidão mediterrânica operava em um contexto social e cultural diferente, onde as dinâmicas de dependência, poder e identidade não seguiam o mesmo padrão visto na escravidão atlântica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo de Joly e Knust é uma contribuição valiosa para o estudo da escravidão no Mediterrâneo, oferecendo uma análise importante das transformações institucionais e econômicas que marcaram as práticas escravistas ao longo dos séculos. No entanto, acredito que a proposta pode ser enriquecida por uma abordagem que reconheça a plasticidade das trajetórias escravas e as ambiguidades inerentes à vida dos libertos e dos escravos no mundo romano. A escravidão mediterrânica, longe de ser um sistema fixo, era profundamente marcada pelas negociações entre senhores e escravos, pela permeabilidade entre as esferas pública e privada e pelas tensões criadas por uma sociedade que, ao mesmo tempo, dependia dos escravos e os excluía de sua comunidade política. Ao trazermos essas questões à tona, podemos avançar para uma compreensão mais abrangente e crítica do que foi o sistema escravista no Mediterrâneo antigo.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Norberto Guiranello: Doutor em História, Professor de História na Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Avenida Professor Lineu Prestes, 338 - São Paulo/SP - CEP: 05508-000.

ORIGEM DO ARTIGO

Não se aplica.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção do estudo, coleta de dados, análise dos dados, discussão de resultados, revisão e aprovação: Norberto Luiz Guarinello.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Não se aplica.

PREPRINT

O artigo não é um preprint.



LICENÇA DE USO

© Norberto Luiz Guarinello. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITOR

Fábio A. Morales.

HISTÓRICO

Recebido em: 19 de novembro de 2024.

Aprovado em: 18 de dezembro de 2024.

Como citar: GUARINELLO, Norberto L. Comentários sobre o texto de Joly e Knust. *Esboços*, Florianópolis, v. 31, n. 58, p. 434-439, 2024.

